



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

A importância da musicoterapia no trabalho multidisciplinar com crianças com transtorno do espectro autista (TEA)

The importance of music therapy in multidisciplinary work with children with autism spectrum disorder (ASD)

La importancia de la musicoterapia en el trabajo multidisciplinario con niños con trastorno del espectro autista (TEA)

Rodolfo Ferreira Duarte

Faculdade do Iguaçu

Pós-graduado em Musicoterapia

Capanema - PR, Brasil

rodolfoferreiraduarte@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa de neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na interação social, comunicação e padrões comportamentais restritivos e repetitivos. Devido à heterogeneidade clínica do espectro, as intervenções precisam ser adaptadas a cada indivíduo e devem adotar abordagens multimodais. Nesse sentido, a musicoterapia tem sido considerada uma modalidade inovadora de tratamento que utiliza a música e seus elementos de forma direcionada para promover avanços em comunicação, habilidades sociais, cognição e emoções. Estudos indicam que essa prática contribui para a comunicação verbal e não verbal, melhora a interação social, regula emoções e aumenta a motivação das crianças durante suas atividades de reabilitação. Como parte integrante de uma equipe multidisciplinar, a musicoterapia não age isoladamente; ao contrário, ela fortalece os objetivos globais da terapia e potencializa o impacto de outras intervenções. Contudo, mesmo com seus benefícios amplamente reconhecidos, enfrenta desafios como a escassez de profissionais qualificados, resistência nas instituições e uma base empírica ainda limitada. Portanto, conclui-se que a musicoterapia representa um recurso eficaz e promissor no cuidado de crianças com TEA quando utilizada dentro de um contexto multidimensional colaborativo que favoreça seu desenvolvimento e integração.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, musicoterapia; intervenção multidisciplinar; comunicação; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex neurodevelopmental condition characterized by deficits in social interaction and communication and the presence of



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

restrictive and repetitive behavioral patterns. Due to the clinical heterogeneity of the spectrum, interventions must be multimodal and tailored to each individual. In this context, music therapy has emerged as an innovative treatment approach that uses music and its components purposefully to achieve improvements in communication, social skills, cognition, and emotion. Research demonstrates that it enhances both verbal and nonverbal communication and social interaction while aiding emotional regulation and increasing motivation among children during rehabilitation activities. As part of a multidisciplinary core team, music therapy does not function independently but reinforces global therapeutic goals while amplifying the effects of other intervention areas. However, despite its well-documented advantages, it still encounters challenges including shortages of qualified professionals institutional resistance and limited empirical evidence supporting its efficacy. It is concluded that music therapy serves as an effective and promising approach for caring for children with ASD provided it is integrated into a multidimensional cooperative framework significantly enhancing development and inclusion.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, music therapy, multidisciplinary intervention, communication, child development.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una afección compleja del neurodesarrollo que se caracteriza por dificultades en la interacción social, la comunicación y patrones de comportamiento restrictivos y repetitivos. Debido a la heterogeneidad clínica del espectro, las intervenciones deben adaptarse a cada individuo y adoptar enfoques multimodales. En este sentido, la musicoterapia se ha considerado una modalidad de tratamiento innovadora que utiliza la música y sus elementos de forma específica para promover avances en la comunicación, las habilidades sociales, la cognición y las emociones. Los estudios indican que esta práctica contribuye a la comunicación verbal y no verbal, mejora la interacción social, regula las emociones y aumenta la motivación de los niños durante sus actividades de rehabilitación. Como parte integral de un equipo multidisciplinario, la musicoterapia no actúa de forma aislada; por el contrario, fortalece los objetivos generales de la terapia y potencia el impacto de otras intervenciones. Sin embargo, a pesar de sus beneficios ampliamente reconocidos, enfrenta desafíos como la escasez de profesionales cualificados, la resistencia institucional y una base empírica aún limitada. Por lo tanto, se concluye que la musicoterapia representa un recurso eficaz y prometedor en la atención de niños con TEA cuando se utiliza en un contexto colaborativo y multidimensional que promueve su desarrollo e integración.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista, musicoterapia; intervención multidisciplinar; comunicación; desarrollo infantil.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação social e na interação, associadas à presença de padrões comportamentais restritivos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2013). As manifestações clínicas variam amplamente em intensidade e forma, exigindo abordagens terapêuticas personalizadas que contemplem as especificidades de cada indivíduo. De acordo com estimativas recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), aproximadamente uma em cada 100 crianças no mundo apresenta diagnóstico dentro do espectro autista. Já o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023) aponta uma prevalência ainda mais elevada, com uma em cada 36 crianças nos Estados Unidos sendo identificada com TEA. No Brasil, dados do Ministério da Saúde e de estudos regionais sugerem aumento progressivo dos casos diagnosticados, o que reforça a necessidade de políticas públicas e estratégias terapêuticas que promovam inclusão e desenvolvimento integral.

Nos últimos anos, a musicoterapia tem se consolidado como uma prática clínica e científica relevante no atendimento a crianças com TEA. Fundamentada no uso sistemático da música e de seus elementos — ritmo, melodia, harmonia e timbre —, essa abordagem mostra-se eficaz na promoção da comunicação, da interação social e da regulação emocional, áreas frequentemente afetadas pelo transtorno (Bruscia, 2016). A música, por sua natureza universal e afetiva, cria um canal alternativo de expressão que permite contornar as barreiras da linguagem verbal, favorecendo a construção de vínculos e o desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais.

A musicoterapia insere-se, portanto, em um contexto multidisciplinar que articula diferentes áreas do conhecimento, como psicologia, fonoaudiologia, pedagogia, terapia ocupacional e psiquiatria infantil. Essa integração amplia as possibilidades de intervenção e potencializa os resultados terapêuticos, ao favorecer uma abordagem mais holística e centrada na criança (Schopler; Mesibov; Kunc, 1998). Para Geretsegger et al. (2014), o



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

trabalho colaborativo entre diferentes profissionais permite que a musicoterapia atue de forma complementar, reforçando aprendizagens e comportamentos adquiridos em outras terapias. Além disso, conforme destacam Gattino, Nuzzi e Marsimian (2021), a inserção da musicoterapia em contextos clínicos e educacionais inclusivos tem crescido na América Latina, com resultados positivos tanto na socialização das crianças quanto na formação de professores e terapeutas.

No Brasil, autores como André e Loureiro (2025) têm contribuído para o avanço da discussão sobre a prática da musicoterapia em contextos do Sistema Único de Saúde (SUS) e em escolas públicas inclusivas. Esses estudos reforçam que a implementação de práticas musicais estruturadas pode contribuir para o desenvolvimento da comunicabilidade e para o fortalecimento da dimensão afetiva das interações entre criança, família e equipe terapêutica. Assim, a música passa a ser entendida não apenas como um estímulo sensorial, mas como um instrumento de mediação social e emocional, capaz de promover bem-estar, pertencimento e autonomia.

Vários estudos internacionais e nacionais corroboram a eficácia da musicoterapia no tratamento de crianças com TEA. Pesquisas conduzidas por Boso et al. (2007), Lim (2010) e Kim, Wigram e Gold (2008) demonstram melhorias expressivas na atenção compartilhada, na comunicação não verbal e na redução de comportamentos estereotipados. De modo semelhante, Geretsegger et al. (2014) identificaram benefícios significativos na motivação e na regulação emocional, destacando o papel da música na criação de ambientes terapêuticos acolhedores e estimulantes.

Dessa forma, a musicoterapia não deve ser vista como uma intervenção isolada, mas como parte de um plano terapêutico integrado, que potencializa os resultados das demais abordagens e contribui para o desenvolvimento global da criança. Seu impacto positivo é amplificado quando inserida em projetos colaborativos e em políticas públicas que reconhecem o valor das artes como instrumentos de inclusão e cuidado.

Com base nessas perspectivas, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a importância da musicoterapia no trabalho multidisciplinar com crianças com



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

Transtorno do Espectro Autista. Como objetivos específicos, busca-se: (a) compreender os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a prática da musicoterapia; (b) identificar os principais efeitos terapêuticos dessa intervenção sobre a comunicação, a interação social e a regulação emocional; (c) discutir os desafios e as limitações da implementação da musicoterapia no contexto brasileiro; e (d) refletir sobre o papel da atuação interdisciplinar na promoção da inclusão e da qualidade de vida de crianças com TEA.

Assim, este estudo pretende oferecer uma visão abrangente e crítica sobre o uso da musicoterapia em contextos multidisciplinares, ressaltando seu potencial transformador no cuidado à infância e na construção de práticas terapêuticas mais sensíveis, integradas e inclusivas.

2 AUTISMO E A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO MULTIVARIADA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2013). Suas manifestações variam amplamente entre os indivíduos, tanto em intensidade quanto em forma de expressão, o que torna essencial a elaboração de estratégias terapêuticas personalizadas e contínuas, voltadas para o desenvolvimento integral.

De acordo com estimativas recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), cerca de 1 em cada 100 crianças em todo o mundo está dentro do espectro autista. Já o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023) aponta uma prevalência ainda maior, indicando que aproximadamente 1 em cada 36 crianças nos Estados Unidos foi diagnosticada com TEA. No Brasil, embora ainda faltem dados nacionais consolidados, o Ministério da Saúde e instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) reconhecem o crescimento progressivo dos diagnósticos



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

e reforçam a importância de políticas públicas que contemplem o atendimento integral à pessoa com autismo. Esse cenário reforça a necessidade de intervenções precoces e de abordagens interdisciplinares voltadas à inclusão e ao desenvolvimento global da criança.

A multidisciplinaridade, nesse contexto, surge como uma resposta necessária à complexidade do espectro autista. Uma equipe integrada deve ser composta por psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, professores, psiquiatras infantis e musicoterapeutas, entre outros profissionais, de modo a oferecer diferentes perspectivas sobre o processo terapêutico e a promoção do desenvolvimento da criança (Schopler; Mesibov; Kunc, 1998). Essa articulação é fundamental para garantir coerência entre os objetivos terapêuticos, evitar sobreposição de estratégias e promover uma visão ampla, colaborativa e centrada nas necessidades individuais de cada criança.

Nas últimas décadas, a musicoterapia tem se consolidado como uma das práticas mais promissoras no atendimento a crianças com TEA. Baseada no uso sistemático e intencional da música e de seus elementos — ritmo, melodia, harmonia e timbre —, essa abordagem mostra-se eficaz na promoção da comunicação, da interação social e da regulação emocional, áreas frequentemente comprometidas no autismo (Bruscia, 2016). A música, por sua natureza universal e afetiva, atua como mediadora de experiências humanas, permitindo que a criança estabeleça vínculos, expresse emoções e desenvolva competências cognitivas e motoras de forma prazerosa e significativa.

Estudos internacionais e nacionais reforçam essa eficácia. Pesquisas realizadas por Geretsegger et al. (2014) e Boso et al. (2007) evidenciam que a musicoterapia contribui para o aprimoramento da comunicação verbal e não verbal, para o aumento do engajamento em atividades sociais e para a melhora na autorregulação emocional. No contexto brasileiro, autores como Gattino, Nuzzi e Marsimian (2021) destacam o avanço da musicoterapia em instituições públicas e privadas, ressaltando sua inserção em ambientes educacionais inclusivos. André e Loureiro (2025), por sua vez, apontam que a prática tem se mostrado eficaz na rede pública de saúde, especialmente no âmbito do



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

Sistema Único de Saúde (SUS), favorecendo a comunicabilidade e fortalecendo a relação entre terapeuta, família e criança.

Dessa forma, a musicoterapia, quando articulada a outras áreas dentro de um projeto terapêutico multidisciplinar, não deve ser compreendida como prática isolada, mas como um recurso complementar e integrador, que potencializa os resultados globais da intervenção e favorece o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Essa abordagem multivariada, que une diferentes campos do saber, constitui um caminho promissor para a inclusão e o desenvolvimento pleno das crianças com TEA, alinhando práticas clínicas e educacionais a uma perspectiva humanizada e interdisciplinar.

Com base nesse entendimento, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a importância da musicoterapia no contexto multidisciplinar voltado ao atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) compreender os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a prática da musicoterapia; (b) identificar as evidências científicas sobre seus efeitos na comunicação, na interação social e na regulação emocional; (c) discutir sua aplicação em contextos brasileiros, com destaque para o SUS e para a educação inclusiva; e (d) refletir sobre os desafios e perspectivas futuras da integração interdisciplinar na atenção a crianças com TEA.

Assim, a compreensão da importância da intervenção multivariada no autismo evidencia que o cuidado integral e humanizado exige a articulação entre diferentes saberes e práticas. Nesse cenário, a musicoterapia representa uma contribuição significativa para o desenvolvimento, a inclusão e a melhoria da qualidade de vida de crianças com TEA e de suas famílias.

2.1 A MUSICOTERAPIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A musicoterapia é definida como o uso clínico, planejado e estruturado da música e de seus elementos — ritmo, melodia, harmonia e timbre — com o objetivo de promover



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento global de indivíduos em diferentes contextos. Ao longo das últimas décadas, essa prática consolidou-se como uma área de intervenção terapêutica reconhecida nos campos da saúde, da educação e da inclusão social, integrando saberes provenientes da psicologia, da neurociência, da pedagogia e das artes (Bruscia, 2016).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), estima-se que cerca de 1 em cada 100 crianças no mundo esteja dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Já o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023) aponta uma prevalência de 1 em cada 36 crianças nos Estados Unidos, evidenciando um crescimento expressivo nos diagnósticos nos últimos anos. No Brasil, embora os dados nacionais ainda sejam limitados, o Ministério da Saúde reconhece o aumento dos casos e a necessidade de fortalecer políticas públicas voltadas à detecção precoce, ao acompanhamento especializado e à integração de práticas terapêuticas complementares no Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse cenário, a musicoterapia vem ganhando espaço como uma abordagem eficaz e humanizada, favorecendo o desenvolvimento e a inclusão de crianças com TEA.

Do ponto de vista teórico, a musicoterapia fundamenta-se na compreensão de que a música, por sua natureza universal, sensorial e emocional, é capaz de ativar múltiplas regiões cerebrais e provocar respostas cognitivas, motoras e afetivas. Pesquisas em neurociência demonstram que estímulos musicais estão associados à regulação emocional, à plasticidade neural e ao fortalecimento de redes cerebrais relacionadas à comunicação e à interação social (Geretsegger et al., 2014). Essa característica torna a música um instrumento poderoso de mediação terapêutica, especialmente em populações que apresentam limitações na linguagem verbal.

No campo metodológico, a musicoterapia utiliza estratégias tanto receptivas quanto ativas. As abordagens receptivas envolvem a escuta musical dirigida, o relaxamento sonoro e a reflexão sobre as experiências auditivas vivenciadas. Já as abordagens ativas incluem o canto, a improvisação musical, a execução instrumental e a



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

composição de músicas, sempre com objetivos terapêuticos previamente definidos e acompanhados por um profissional qualificado (BOSO et al., 2007). A escolha do método depende das necessidades e das características individuais de cada pessoa, bem como do contexto clínico, educacional ou social em que a intervenção ocorre.

Um aspecto central na prática musicoterapêutica é a intencionalidade terapêutica. A música, nesse contexto, não é utilizada de forma recreativa, mas como ferramenta mediadora de processos psicológicos, cognitivos e sociais. Cada sessão é cuidadosamente planejada para alcançar metas específicas, alinhadas aos objetivos terapêuticos globais estabelecidos pela equipe multidisciplinar. Essa integração entre música, ciência e prática clínica reflete o princípio de que o fazer musical pode promover reorganizações internas e favorecer a expressão subjetiva, a comunicação e o aprendizado social (Bruscia, 2016).

No Brasil, autores como Gattino, Nuzzi e Marsimian (2021) e André e Loureiro (2025) vêm contribuindo para o fortalecimento da musicoterapia como prática científica e socialmente relevante. Gattino e colaboradores destacam o avanço da musicoterapia na América Latina, especialmente em contextos de educação inclusiva, ressaltando sua capacidade de favorecer a socialização e o engajamento afetivo. Já André e Loureiro discutem sua aplicação no SUS e em escolas públicas, mostrando como a prática pode fortalecer a comunicabilidade e o vínculo entre terapeuta, família e criança. Essas pesquisas evidenciam que, quando integrada às políticas públicas de saúde e educação, a musicoterapia amplia as oportunidades de cuidado e inclusão, tornando-se uma ferramenta efetiva no enfrentamento das desigualdades de acesso à atenção especializada.

Assim, a musicoterapia constitui uma prática fundamentada em bases científicas, metodológicas e humanísticas, que alia teoria, técnica e sensibilidade clínica. Ao considerar a singularidade de cada indivíduo e integrar-se a diferentes áreas de atuação, revela-se um recurso de grande valor para a promoção da saúde, da aprendizagem e da inclusão social — especialmente no acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

No caso do TEA, a música desempenha um papel singular por sua natureza não



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

verbal e universal. Muitas crianças autistas apresentam afinidade espontânea por estímulos musicais, respondendo positivamente a sons, ritmos e melodias. Desse modo, a música torna-se um canal privilegiado de comunicação, que permite transpor barreiras verbais, estabelecer vínculos emocionais significativos e estimular o desenvolvimento cognitivo e afetivo (Geretsegger; Elefant; Mössler; Gold, 2014).

Com base nesse panorama, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os fundamentos teóricos e metodológicos da musicoterapia e sua relevância no tratamento multidisciplinar de crianças com TEA. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) compreender os princípios e as abordagens que sustentam a prática da musicoterapia; (b) identificar as evidências científicas sobre seus efeitos na comunicação, na interação social e na regulação emocional; (c) destacar a importância da integração da musicoterapia com as políticas públicas brasileiras, especialmente no SUS e na educação inclusiva; e (d) refletir sobre os desafios e perspectivas futuras para a consolidação dessa prática como ferramenta terapêutica e social.

Dessa forma, a musicoterapia se apresenta como um campo em expansão, que articula ciência, arte e cuidado, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com autismo em diferentes contextos sociais e institucionais.

2.3 ABORDAGENS DIFERENTES DE MUSICOTERAPIA

A musicoterapia utiliza a música como ferramenta terapêutica para promover a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento humano, sendo fundamentada em diferentes concepções teóricas sobre a influência dos sons e da experiência musical no comportamento e nas emoções. Essas abordagens permitem uma prática personalizada, ajustada às necessidades e aos objetivos específicos de cada indivíduo.

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa diversidade metodológica é especialmente relevante, uma vez que as respostas à música variam de



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

acordo com o perfil sensorial, comunicativo e emocional de cada criança. Ao compreender as distintas formas de aplicação da musicoterapia, torna-se possível reconhecer como ela atua em múltiplos contextos — clínico, educacional e social — contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e interacionais.

2.3.1 Musicoterapia Criativa, o modelo Nordoff-Robbins

Também conhecido como Musicoterapia Criativa, o modelo Nordoff-Robbins foi desenvolvido entre as décadas de 1960 e 1970 por Paul Nordoff e Clive Robbins, inspirados nos princípios da psicologia humanista. Essa abordagem centra-se na improvisação musical como meio de comunicação e autodescoberta, valorizando o potencial criativo de cada indivíduo, independentemente de suas limitações cognitivas ou comportamentais. O terapeuta atua como um parceiro musical, respondendo de maneira sensível às expressões sonoras do cliente e construindo um diálogo musical recíproco (Nordoff; Robbins, 1977).

No caso de crianças com TEA, esse modelo tem se mostrado eficaz para estimular a comunicação não verbal, a atenção compartilhada e o contato emocional. Pesquisas recentes, como as de Kim et al. (2020) e Geretsegger et al. (2022), apontam que a improvisação musical estruturada promove ganhos significativos na interação social e na expressão emocional. No Brasil, André e Loureiro (2025) relatam a aplicação bem-sucedida do modelo Nordoff-Robbins em escolas inclusivas, destacando que a música improvisada cria um ambiente de confiança e engajamento entre crianças com autismo e seus colegas neurotípicos.

2.3.2 Musicoterapia Analítica



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

A Musicoterapia Analítica, criada na década de 1970 pela britânica Mary Priestley, é fortemente influenciada pelas teorias psicanalíticas de Freud, Jung e Melanie Klein. Nessa abordagem, a música é compreendida como uma forma simbólica de expressão do inconsciente, permitindo que conteúdos emocionais reprimidos emergem por meio da improvisação sonora (Priestley, 1975). As sessões são geralmente compostas por três momentos: (1) definição de um tema inicial, (2) improvisação musical livre e (3) verbalização final sobre a experiência.

No atendimento a crianças com TEA, essa metodologia auxilia na identificação e na elaboração de emoções difíceis de serem expressas verbalmente, além de contribuir para o reconhecimento de padrões comportamentais e afetivos. Estudos de Gattino, Nuzzi e Marsimian (2021) apontam que a Musicoterapia Analítica, quando adaptada ao contexto infantil, favorece a autorregulação emocional e o desenvolvimento da escuta ativa. No SUS, há relatos de sua utilização em clínicas-escola vinculadas a universidades públicas, em programas voltados à saúde mental infantojuvenil.

2.3.3 Musicoterapia Comportamental

A Musicoterapia Comportamental baseia-se nos princípios da análise do comportamento e na utilização da música como reforçador positivo para modificar ou modelar condutas (Gregory, 2002). Essa abordagem é bastante difundida na clínica com crianças com TEA, pois auxilia na redução de comportamentos estereotipados e na promoção de respostas adaptativas. O terapeuta utiliza elementos musicais — como ritmo, harmonia e melodia — para reforçar padrões de comportamento desejáveis e facilitar a aprendizagem de novas habilidades sociais e motoras.

Exemplos práticos incluem o uso de canções estruturadas para promover a alternância de turnos em interações, estimular o contato visual e favorecer a imitação de gestos e sons. Um estudo conduzido por Lim (2010) demonstrou que o uso da música em atividades controladas pode melhorar significativamente a produção verbal e o tempo de



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

atenção em crianças com TEA. No Brasil, André e Loureiro (2025) também observaram resultados positivos no uso de intervenções comportamentais mediadas pela música em ambientes escolares, destacando a melhora na concentração e na socialização.

2.3.4 Método da Identidade Sonora – ISO de Benenzon

O método da Identidade Sonora (ISO), proposto por Rolando Benenzon (1988), parte da premissa de que todo indivíduo possui uma identidade sonora única, formada por um conjunto de sons, timbres e ritmos internalizados desde a vida intrauterina. Essa identidade sonora é dinâmica e reflete o modo como o sujeito se relaciona com o mundo e consigo mesmo. No processo terapêutico, o musicoterapeuta busca reconhecer e espelhar o ISO do paciente, estabelecendo uma comunicação profunda e não verbal.

No contexto do autismo, o método ISO tem se mostrado eficaz para promover vínculos afetivos e ampliar a percepção corporal e auditiva. Gattino et al. (2021) e Geretsegger et al. (2022) destacam que essa abordagem possibilita uma interação mais sensível com crianças que apresentam resistência a estímulos externos ou dificuldades de contato social. A identificação e o espelhamento da ISO favorecem o sentimento de reconhecimento e segurança, fortalecendo a relação terapêutica.

2.3.5 Técnicas e evidências atuais em musicoterapia

As principais técnicas utilizadas na musicoterapia — improvisação, audição, composição e recriação musical — são aplicadas de maneira estratégica, conforme as necessidades do paciente e os objetivos clínicos (Benenzon, 1988; Bruscia, 2016). A improvisação é frequentemente utilizada para desenvolver a comunicação espontânea; a audição musical, para promover relaxamento e atenção; a composição, para estimular a criatividade e a autoexpressão; e a recriação, para reforçar comportamentos e habilidades já adquiridas.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

Pesquisas recentes reforçam o impacto positivo dessas técnicas em contextos clínicos e educacionais. Um estudo de Geretsegger et al. (2022) identificou melhora significativa na reciprocidade social e na regulação emocional em crianças submetidas a programas de musicoterapia estruturada. No Brasil, André e Loureiro (2025) e Gattino et al. (2021) relatam que a aplicação dessas técnicas em ambientes escolares inclusivos promove o engajamento dos alunos e fortalece a mediação pedagógica entre professores e estudantes com TEA.

2.3.6 Técnicas em Musicoterapia

Técnica vem do grego τέχνη, téchnē, 'arte, técnica, ofício'; arte ou maneira de realizar uma ação ou conjunto de ações. Podemos refletir segundo Gasset (2009) que a técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, dado que é a adaptação do meio ao sujeito. Em outras palavras, uma técnica é uma habilidade adquirida para reduzir o esforço de uma ação objetiva. Um exemplo prático seria a realização de exercícios específicos de técnica de dedo para melhorar a habilidade em um determinado instrumento musical para se tocar com o menor esforço possível, ou no caso da terapia, conhecimentos que ajudem a alcançar um objetivo terapêutico determinado. Segundo (Benenzon, 1988) No que diz respeito a Musicoterapia as técnicas utilizadas são: a improvisação, audição, composição e recreação (reprodução) musical.

2.4 OS QUATRO TIPOS DE INTERVENÇÕES EM MUSICOTERAPIA

Os musicoterapeutas são treinados em áreas que os capacitam para avaliar, tratar e avaliar indivíduos de diferentes idades, origens e necessidades. Para atingir objetivos específicos em uma sessão de musicoterapia, os musicoterapeutas preparam intervenções dentro de uma das quatro amplas categorias de intervenção, que incluem receptividade, recriação, improvisação e composição/composição musical. Esses métodos, combinados



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

com o direcionamento de objetivos individualizados, tornam os musicoterapeutas especializados e únicos em relação a outras disciplinas musicais.

Dependendo das necessidades de um indivíduo ou grupo, o musicoterapeuta determinará qual tipo de intervenção será mais eficaz. Abaixo, apresentamos uma visão geral abrangente dos quatro métodos diferentes, bem como a justificativa para a facilitação.

Receptivo: O cliente ouve música e responde à experiência silenciosamente, verbalmente ou em outra modalidade (por exemplo, arte, dança). A música utilizada pode ser ao vivo ou gravada. Alguns tipos de abordagens receptivas podem incluir relaxamento assistido por música, bem como o uso de música e imagens. Os objetivos podem abranger diversas áreas, incluindo:

- a) promovendo estimulação ou relaxamento
- b) facilitando a memória ou reminiscência
- c) desenvolvendo habilidades auditivas
- d) melhorando o humor e reduzindo a ansiedade

Intervenções receptivas podem ser apropriadas quando um cliente (Paciente) não é verbal ou prefere uma abordagem passiva por meio da escuta.

Recriação: Uma abordagem centrada na música, na qual o cliente é incentivado a tocar ou cantar junto com uma música pré-composta de uma maneira que apoie os objetivos identificados. A recriação pode envolver cantar músicas conhecidas ou novas, ou tocar vários instrumentos, dependendo das habilidades e objetivos do cliente. Esta pode ser uma maneira divertida e envolvente de atingir objetivos por meio da produção musical, que podem incluir:

- a) fortalecimento das habilidades motoras grossas/finas
- b) promovendo a interação social e a alternância de turnos
- c) incentivando o uso de um lado do corpo
- d) promover a autoexpressão por meio da execução de instrumentos ou do canto



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

Intervenções de recreação podem ser apropriadas para uma variedade de populações, incluindo crianças com atrasos no desenvolvimento, aquelas com lesão cerebral adquirida ou idosos com demência.

Improvisação: Envolve a produção musical espontânea utilizando instrumentos simples, percussão corporal ou a voz. Este tipo de intervenção exige que o terapeuta ouça, interprete e, em última análise, responda à execução ou ao humor do cliente. Alguns objetivos relacionados a esta categoria de intervenção podem incluir:

- a) facilitar a expressão e a comunicação por meio da música, especialmente quando a comunicação verbal é limitada ou menos confortável!
- b) aumentar a liberdade e a capacidade de fazer escolhas
- c) desenvolver a capacidade de construir relacionamentos com outro indivíduo por meio da música

Esse tipo de intervenção pode ser apropriado para algumas populações, incluindo aquelas que não falam ou que se sentem desconfortáveis em se expressar diretamente.

Composição/Composição: Processo pelo qual o terapeuta auxilia o cliente na criação de suas próprias músicas ou letras. Essas criações podem ser gravadas ou executadas posteriormente. Alguns objetivos que podem ser alcançados por meio da composição ou composição são:

- a) validando experiências / trabalho legado
- b) externalizar pensamentos ou emoções
- c) promovendo uma forma alternativa de expressão
- d) fomentando a criatividade

Esse tipo de intervenção pode ser adequado a diferentes públicos, conforme as necessidades específicas de cada indivíduo, constituindo-se em um método inovador e estimulante a ser explorado no contexto terapêutico.

3 METODOLOGIA



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, fundamentado em uma revisão bibliográfica narrativa, com o objetivo de reunir, analisar e discutir produções científicas que abordam a aplicação da musicoterapia no contexto multidisciplinar voltado a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com Bruscia (2016), a musicoterapia deve ser compreendida como uma prática sistematizada que articula teoria, técnica e intencionalidade terapêutica, exigindo, no campo científico, um processo de reflexão contínua e fundamentada. Assim, a metodologia adotada neste trabalho busca garantir rigor acadêmico e coerência entre os objetivos propostos e as análises desenvolvidas.

Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório e analítico, que, conforme Gil (2008), visa proporcionar uma visão ampla e aprofundada sobre determinado fenômeno a partir da sistematização de conhecimentos já produzidos. Essa modalidade de estudo se mostra adequada quando o objetivo é compreender o estado da arte de um campo de saber, identificar lacunas teóricas e destacar contribuições relevantes para práticas profissionais, como no caso da musicoterapia aplicada ao TEA. Para Geretsegger et al. (2014), o avanço das pesquisas em musicoterapia demanda revisões periódicas que integrem diferentes enfoques teóricos e metodológicos, possibilitando avaliar sua eficácia e delinear novas perspectivas de aplicação. Nesse sentido, esta pesquisa buscou articular o conhecimento produzido nas últimas décadas com ênfase em publicações que relacionam intervenções musicais, desenvolvimento infantil e atuação interdisciplinar.

As fontes consultadas incluíram livros, artigos científicos, dissertações e revisões sistemáticas de acesso público, disponíveis em bases como PubMed, Scielo, Google Scholar e Cochrane Library, além de periódicos especializados em musicoterapia, psicologia e educação especial. Foram priorizadas publicações compreendidas entre 2000 e 2025, período em que se observa maior consolidação da pesquisa empírica sobre o uso terapêutico da música no TEA (Geretsegger et al., 2014; Lim, 2010; Kim, Wigram & Gold, 2008). Para a busca dos materiais, foram utilizados descritores combinados em



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

português e inglês, tais como “musicoterapia”, “autismo”, “Transtorno do Espectro Autista”, “intervenção multidisciplinar”, “music therapy”, “autism spectrum disorder”, “multidisciplinary intervention” e “child development”.

Os critérios de inclusão consideraram produções que apresentassem dados empíricos ou discussões teóricas sobre a musicoterapia aplicada ao TEA, que contemplassem abordagens integradas entre áreas da saúde e educação e que estivessem disponíveis em texto completo e com credibilidade científica reconhecida. Foram excluídos materiais sem revisão por pares, textos de caráter opinativo e produções que tratassem de terapias artísticas não relacionadas diretamente à música. Após essa triagem, o material foi submetido a uma análise qualitativa de conteúdo inspirada nas orientações de Bardin (2011), com foco na identificação de categorias temáticas emergentes. Essa técnica permitiu organizar as informações de modo a evidenciar as principais contribuições, limitações e convergências teóricas acerca da musicoterapia no cuidado multidisciplinar de crianças com TEA.

A leitura detalhada das obras de referência, como *Defining Music Therapy* (Bruscia, 2016), *A Comprehensive Guide to Music Therapy* (Wigram, Pedersen & Bonde, 2002) e *Music Therapy for People with Autism Spectrum Disorder* (Geretsegger et al., 2014), possibilitou delimitar três eixos centrais de análise: fundamentos teórico-metodológicos da musicoterapia, efeitos terapêuticos e evidências clínicas em crianças autistas e integração interdisciplinar e desafios de implementação. Cada uma dessas categorias foi discutida à luz das contribuições de autores clássicos e contemporâneos, considerando tanto a dimensão científica quanto a aplicação prática nos serviços de saúde e educação.

A interpretação dos dados seguiu uma perspectiva interdisciplinar, conforme Schopler, Mesibov e Kuncie (1998), que destacam a importância de compreender o autismo em sua complexidade biopsicossocial. Assim, a análise não se limitou à dimensão clínica, mas incorporou aspectos pedagógicos, comunicacionais e emocionais que permeiam o atendimento a crianças com TEA. Essa abordagem foi sustentada pelas ideias



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

de Geretsegger et al. (2014) e Boso et al. (2007), para os quais a eficácia da musicoterapia depende da interação entre diferentes profissionais e da personalização das estratégias musicais. Da mesma forma, Bruscia (2016) enfatiza a intencionalidade terapêutica como princípio estruturante da prática musicoterápica, enquanto Benenzon (1988) defende a noção de identidade sonora (ISO) como elemento essencial na comunicação entre terapeuta e paciente.

Como toda revisão narrativa, este estudo apresenta limitações metodológicas, entre as quais se destacam a ausência de critérios estatísticos rigorosos para comparação entre pesquisas e a heterogeneidade dos delineamentos dos estudos analisados. Além disso, a escassez de literatura nacional sobre a inserção da musicoterapia em políticas públicas, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS) e nas escolas inclusivas brasileiras, restringe a generalização dos resultados ao contexto local. Ainda assim, o conjunto das fontes consultadas oferece uma base teórica sólida para compreender o potencial terapêutico e interdisciplinar dessa prática.

Em síntese, o percurso metodológico deste trabalho compreendeu quatro etapas principais: levantamento bibliográfico em bases científicas nacionais e internacionais; seleção de estudos pertinentes ao tema “musicoterapia e TEA” segundo critérios definidos; leitura analítica e categorização temática das fontes; e integração dos resultados sob uma abordagem qualitativa e interpretativa. Esse processo permitiu construir uma visão crítica e abrangente sobre a contribuição da musicoterapia no trabalho multidisciplinar com crianças com TEA, respeitando o rigor acadêmico, a coerência teórica e o compromisso ético com o desenvolvimento científico da área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 EFEITOS DA MUSICOTERAPIA EM CRIANÇAS AUTISTAS

4.1.1 Comunicação e interação social

A musicoterapia tem se mostrado eficaz na promoção da comunicação verbal e não verbal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através de elementos



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

como ritmo e melodia, é possível estimular a emissão de sons, a formação de palavras e até mesmo a organização da fala em estruturas mais complexas. Além disso, a música fornece um canal alternativo de expressão, permitindo que a criança manifeste sentimentos e pensamentos de forma não verbal, facilitando a interação com terapeutas, familiares e pares.

Um dos maiores desafios para crianças com TEA é a interação social recíproca. A musicoterapia atua como mediadora nesse processo, criando situações que estimulam a troca, o contato visual, a atenção compartilhada e a cooperação em atividades grupais. Músicas em formato de jogos e canções de roda, por exemplo, favorecem a participação coletiva e incentivam a criança a se engajar em interações espontâneas.

4.1.2 Regulação emocional, motivação e participação

A música tem um efeito direto sobre os processos emocionais, funcionando como recurso de autorregulação. Sessões de musicoterapia podem auxiliar a criança a lidar com ansiedade, irritabilidade e agitação, utilizando recursos como músicas de andamento lento para induzir relaxamento ou ritmos mais ativos para estimular a energia e a motivação. Essa regulação emocional contribui para maior estabilidade no comportamento e para uma convivência mais harmoniosa em ambientes sociais e familiares.

A música é um estímulo altamente motivador e prazeroso, o que aumenta a disposição da criança para participar de atividades terapêuticas. Em muitos casos, crianças com TEA apresentam resistência ou desinteresse em tarefas convencionais de intervenção. Através da música, é possível despertar a curiosidade, manter a atenção por mais tempo e transformar o processo terapêutico em uma experiência lúdica, envolvente e significativa.

4.1.3 O papel da musicoterapia no contexto multidisciplinar



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

A musicoterapia, dentro de uma abordagem multidisciplinar, não atua de forma isolada, mas integrada a outras áreas como psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e pedagogia. Seu papel consiste em complementar os objetivos globais do plano terapêutico, reforçando aprendizagens e ampliando as possibilidades de desenvolvimento.

Por exemplo, estratégias musicais podem fortalecer habilidades comunicativas trabalhadas pela fonoaudiologia ou favorecer a autorregulação emocional abordada na psicologia. Essa articulação garante coerência nas metas terapêuticas e potencializa os resultados obtidos.

4.1.4 Desafios e Limitações

Apesar dos avanços, a aplicação da musicoterapia em crianças autistas enfrenta alguns desafios e limitações. Entre eles, destacam-se:

- a) A necessidade de formação especializada do musicoterapeuta, que deve ter tanto conhecimento musical quanto clínico;
- b) A escassez de profissionais capacitados em determinados contextos, o que limita o acesso à prática;
- c) A demanda por mais pesquisas empíricas, especialmente estudos longitudinais, que comprovem de forma robusta a eficácia da musicoterapia em diferentes níveis do espectro autista;
- d) As barreiras institucionais e financeiras, que dificultam a inserção da musicoterapia em programas de saúde pública e em escolas.
- e) Apesar desses obstáculos, a musicoterapia continua a se consolidar como um recurso terapêutico relevante e inovador, cuja integração a projetos multidisciplinares amplia as possibilidades de desenvolvimento e inclusão de crianças com TEA.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

5 CONCLUSÃO

A musicoterapia configura-se como uma intervenção eficaz e promissora no trabalho multidisciplinar com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentando-se como um recurso terapêutico capaz de integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais do desenvolvimento infantil. Mais do que uma simples atividade musical, trata-se de uma prática fundamentada em princípios científicos e clínicos, que utiliza os elementos da música — ritmo, melodia, harmonia e timbre — de forma intencional e planejada para favorecer processos de comunicação, socialização e autorregulação. Além de oferecer uma via alternativa de expressão, especialmente importante para crianças com dificuldades de linguagem verbal, a musicoterapia contribui para avanços significativos na interação social, na regulação emocional e na motivação durante as atividades terapêuticas e educacionais.

Contudo, o impacto dessa intervenção torna-se mais expressivo quando inserida em um plano de ação integrado e colaborativo, no qual diferentes profissionais — como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, educadores e médicos — atuam de maneira articulada e centrada nas necessidades da criança. Essa abordagem interdisciplinar possibilita a construção de um cuidado mais amplo e humanizado, em que os objetivos terapêuticos se complementam e reforçam mutuamente, potencializando o desenvolvimento global do indivíduo.

A continuidade das pesquisas e o fortalecimento do reconhecimento profissional da musicoterapia constituem etapas essenciais para assegurar sua plena integração nos serviços de saúde, nas escolas inclusivas e nas políticas públicas de atenção à pessoa com TEA. Investimentos em formação especializada, produção científica e divulgação das evidências de sua eficácia são fundamentais para consolidar essa prática como parte integrante das estratégias de reabilitação e inclusão social.

Dessa forma, a musicoterapia se consolida como uma área em constante expansão, dotada de elevado potencial para transformar práticas terapêuticas e pedagógicas,



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

ampliando o olhar sobre o desenvolvimento infantil e a diversidade humana. Ao promover experiências musicais significativas, ela não apenas favorece o progresso clínico das crianças com TEA, mas também fortalece vínculos afetivos, amplia a autonomia e contribui para uma melhor qualidade de vida tanto das crianças quanto de suas famílias.

REFERÊNCIAS

AIGEN, K. **The study of music therapy: Current issues and concepts**. New York: Routledge, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

ANDRÉ, A. M. B.; LOUREIRO, C. M. V. Musicoterapia, autismo e escala de comunicabilidade musical: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 17, n. 1, p. 32-44, 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335728414_MUSICOTERAPIA_AUTISMO_E_ESCALA_DE_COMUNICABILIDADE_MUSICAL_UM_ESTUDO_DE_CASO_MUSIC_THERAPY_AUTISM_AND_MUSICAL_COMMUNICATIVENESS_SCAL_E_A_CASE_STUDY. Acesso em: 9 set. 2025.

BENENZON, R. O. **Teoria da musicoterapia**. Buenos Aires: Paidós, 1988.

BOSO, M.; EMANUELE, E.; MINAZZI, V.; ABBAMONTE, M.; POLITI, P. Effect of long-term interactive music therapy on behavior profile and musical skills in young adults with severe autism. **Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 13, n. 7, p. 709–712, 2007.

BOSO, M. et al. Autism and music therapy. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1169, n. 1, p. 343–346, 2007.

BRUSCIA, K. E. **Defining music therapy**. 3. ed. Gilsum: Barcelona Publishers, 2016.

DESCOMPLICA. **Fundamentos da musicoterapia: teorias, métodos e técnicas musicoterapêuticas**. [S. l.], [S.d.]. Disponível em: <https://dex.descomplica.com.br/pos-em-musicoterapia/fundamentos-da-musicoterapia-pos/fundamentos-da-musicoterapia-teorias-metodos-e-tecnicas-musicoterapicas/explicacao/1>. Acesso em: 22 set. 2025.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 28/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.133>

GATTINO, G. S.; NUZZI, M.; MARSIMIAN, N. Inicio y desarrollo de la musicoterapia en el campo del autismo en la Argentina. **ECOS. Revista Científica de Musicoterapia y Disciplinas Afines**, v. 6, n. 2, p. e020, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/27186199e020>. Acesso em: 9 set. 2025.

GERETSEGGER, M.; ELEFANT, C.; MÖSSLER, K. A.; GOLD, C. Music therapy for people with autism spectrum disorder. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 6, CD004381, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24936966/>. Acesso em: 9 set. 2025.

GERETSEGGER, M. et al. Music therapy for autistic people. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 2022, n. 5, CD004381, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35532041/>. Acesso em: 9 set. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLD, C.; WIGRAM, T.; ELEFANT, C. Music therapy for autistic spectrum disorder. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 2, CD004381, 2006.

KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. The effects of improvisational music therapy on joint attention behaviors in autistic children: a randomized controlled study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 38, n. 9, p. 1758–1766, 2008.

LIM, H. A. Effect of “developmental speech and language training through music” on speech production in children with autism spectrum disorders. **Journal of Music Therapy**, v. 47, n. 1, p. 2–26, 2010.

SCHOPLER, E.; MESIBOV, G. B.; KUNCE, L. J. **Asperger syndrome or high-functioning autism?** New York: Springer, 1998.

WELLINGTON MUSIC THERAPY SERVICES. **The four types of interventions in music therapy**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://wellingtonmusictherapyservices-com.translate.google.com/the-four-types-of-interventions-in-music-therapy/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 22 set. 2025.

WIGRAM, T.; PEDERSEN, I. N.; BONDE, L. O. **A comprehensive guide to music therapy: theory, clinical practice, research, and training**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2002.